

**DENOMINAÇÃO DE RUAS**

Dr. Miguel de Barros Penteado, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão do dia 13 de Janeiro deste anno, e de accordo com o art. 7.º da lei n.º 87, de 1922, as vias publicas : — Ponte Preta, Castelli, Monjolinho, São Miguel, Nova Roma, Nova Hespanha, Jayme Badia, Bahia, rua n.º 1, avenida Germania e avenida Campinas, todas de denominações populares, ficam de hoje em diante denominadas, respectivamente : — Rua da Abolição, Rua Victoriano dos Anjos, Rua Carolina Florence, Rua Maria Monteiro, Rua Olavo Bilac, Rua Santos Dumont, Rua Bandeirantes, Rua Barão de Ataliba, Rua Maximiano de Camargo, Avenida Rangel Pestana e Avenida Bueno de Miranda.

E para conhecimento de todos, mandei baixar o presente edital. Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 30 de Maio de 1923.

Dr. Miguel de Barros Penteado.

(Extraído da página 85 do livro "Leis, Resoluções e Mais Actos da Câmara Municipal de Campinas no ano de 1923)

DIÁRIO DO POVO

DOMINGO, 27 DE FEVEREIRO DE 1953



B. P. M. "Prof. E. M. Zick"
Documentário de Campinas

RUAS DA CIDADE:

VITORIANO DOS ANJOS — rua
(Vitoriano dos Anjos-Figueirôa)

Fica entre a linha da Paulista e a rua Gabriel Penteado, com início na Praça Joaquim A'lvares de Sousa Camargo.

A denominação foi dada pelo Edital de 30 de maio de 1923. Chamou-se, antes, rua Castelli. Tem duas larguras: 9 e 13,50 metros.

Dados Biográficos: Vitoriano dos Anjos nasceu na B'afa em 1765 e faleceu em Campinas, em 30 de julho de 1871.

Trouxe-o para Campinas o Sr. Antônio Franco Guimarães (O Bafa), para chefiar os serviços de entalhe da nova matriz (Catedral de Campinas). Aqui chegou em 1853, portanto, já bastante idoso e só terminou a obra em 1864.

Sobre Vitoriano dos Anjos, escreveu Benedito Otávio:

"O ilustre artista balano despedira-se das obras em 1864. Mal remunerado, ou tendo perdido o fruto de seu labor (não se sabe), o certo é que a vida de Vitoriano foi desde então um suplício. Muito velho e doente, viveu com um filho, Vitoriano dos Anjos Júnior, chamado o Viti, estabelecido com armazem de gêneros da terra à rua do Bom Jesus (Campos Sales n.º 31 e depois 43, à esquina da rua Deferta (A'lvares Machado)).

Narra o Sr. Miguel Alves Feltesa um episódio dessa vida de misérias: "Em 1869, um indivíduo transitando por uma das ruas desta cidade, a horas não sabidas, parou de repente, tomado de estranha curiosidade e espanto. Aproximou-se de alguma coisa e inclinou-se. Sobre o chão da rua estava estendido um corpo. Era o corpo de um ser humano que vivia, mas corpo de velho, queorado pelo peso de oitenta anos e prostrado pelo cansaço e pela fome. O indivíduo tomou aquele corpo com ternura e religioso respeito.

Quem era o braço amigo e caridoso, que o acaso conduziu ao pé da desgraça?

Francisco de Paula Marques.

Quem era o infeliz octogenário que a miséria prostrara no pé da rua?

"VITORIANO DOS ANJOS,"

O primeiro, conhecido pintor e dourador, que por muitos anos residu aqui e transferiu-se depois para S. Paulo, ao levantar o corpo do segundo, artista célebre e "por ventura o primeiro entalhador brasileiro, que selou com gênio admirável os primores do entalhe" da Matriz da Conceição, teve a idéia generosa da fundação de uma sociedade que fosse o amparo e auxílio de artistas desvalidos.

Essa idéia, sublime, por todos acolhida, teve surto no dia 19 de setembro de 1869, no Teatro S. Carlos, com a fundação da Sociedade Artística Beneficente, importante instituição local, que, quinze anos mais tarde contava com cerca de 800 sócios e tinha 40 contos em caixa.

Vitoriano dos Anjos viveu ainda dois anos após o início dessa associação".

A.M.G.

**EFEMERIDES
CAMPINEIRAS****J. C. MENDES
30 DE JULHO**

1871 — falece decrepito Vitoriano dos Anjos, o admirável entalhador que trabalhou nas obras internas da nossa Catedral onde se destacam o maravilhoso altar-mór, as capelas laterais e o arco-cruzeiro, esculpido em cedro. Por ocasião da sua morte a Gazeta de Campinas, escrevendo a sua biografia, assim se referiu ao notável artista: "O seu buril transbordando na madeira os ramalhetes das trepadeiras o nome na história desta terra. Passou anos curando perdendo lentamente as forças e a vista para trabalhar nervoso e exaurido. Quando ele cessou de trabalhar, tinha as mãos trêmulas e os cabelos brancos, arrastando-se pelas ruas, ignorado e esquecido".



CORREIO POPULAR

6 de Maio de 1902

Retratos da Velha Campinas

O Mestre Vitoriano Dos Anjos

Construção da Matriz Nova — Obras primas de entalhe — Inspiração que veio da Bahia — Triste fim de um grande artista

CONSTRUÇÃO DA MATRIZ NOVA

Iniciadas em 1807, as obras da nova Igreja Matriz de Campinas. (Catedral), dificultadas pela escassez de recursos, caminhavam vagarosamente por mais de setenta anos, o que deu motivos para diversas alterações no seu plano inicial, resultando a falta de estilo que, apesar de algumas reformas posteriores, ainda apresenta o edifício exteriormente.

O enorme arcabouço de terra socada (taipas), enegrecido e gretado pelas intempéries, semelhante a "Um gigante robusto que se eleva nos ares, ou a um rochedo imóvel no meio do oceano" como escreveu H.A. Van Halle em 1874, durante muitos anos, permaneceu apenas coberto de telhas, com a frente tapada por um ranque de tábuas impressionado a todos os que chegavam a esta cidade pelo arrojo com que se planejava aquela edificação.

O MESTRE DE ENTALHES

Coube a Antonio Francisco Guimarães, prestante cidadão português radicado nesta cidade, a iniciativa de trazer da Baía, terra famosa pelas suas igrejas, um artífice habilitado para a execução dos trabalhos internos da Matriz.

E assim, nos princípios de 1853, aqui se encontrava Vitoriano dos Anjos, homem de idade avançada e destacado mestre de entalhes em madeira, arte com a qual se identificara na constante admiração das volutas, dos ornatos capiteis e colunatas da faustoso "barroco" que se encontra nos templos daquela capital.

A Matriz de Campinas, grandiosa como já se apresentava naquela fase de execução, certamente exigiria o máximo de sua capacidade criadora no planejamento das decorações, e foi com apaixonado interesse que se entregou ao trabalho, montando oficina no próprio templo, num cômodo situado onde hoje se encontra a Sacristia.

Debruçado sobre o papel, dando azas à imaginação, dentro

de pouco tempo Vitoriano dos Anjos completava o risco de seu primeiro altar, peça grandiosa, em forma de peristilo semi circular, formado por doze colunas de ordem composta encimadas por enorme corôa simbólica, sustada por ricos e nobres capiteis. Ao centro, uma pirâmide de oito corpos sobrepostos em formas decrescentes, ostentando o nicho da padroeira, e mais acima, o retábulo do Santíssimo Sacramento.

Emilio Zaluar, visitando as obras da igreja em 1862, ao contemplar aquela extraordinária criação do artista baiano declara em seu diário: "Tenho visto

poucos trabalhos tão peregrinos executados em madeira. É um poema de flôres, arrendados colunatas, arabescos, grinaldas, florões enlaçados com profusão e simetria, beleza e unidade,

traduzindo as idéias de uma alma de poeta, sob as formas mais puras, graciosas e sublimas que se podem reproduzir pelo cinzel do escultor".

Artista admirável, após deixar no cedro os primores de sua imaginação, Vitoriano dos Anjos, afastado do trabalho, velho e alquebrado, foi esquecido por todos, terminando seus dias na mais completa obscuridade.

DESAPARECE UM GRANDE ARTISTA

Conta o professor Miguel Alves Feitosa:

"Em 1869, um indivíduo transitando por uma das ruas desta cidade, a horas não sabida, parou de repente tomado de estranha curiosidade e respeito.

Aproximou-se de alguma coisa, e inclinou-se. Sobre o chão da rua, estava estendido um corpo. Era o corpo de um ser humano que vivia, mas corpo de velho quebrado pelo peso da idade, e prostrado pelo cansaço e fome.

O indivíduo tomou aquele corpo com ternura e respeito. Quem era o braço amigo e caridoso que o acaso conduzia ao pé da desgraça? Francisco de Paula Marques. Quem era o infeliz que a miséria prostrara no pó das ruas?

Vitoriano dos Anjos!"

Tremulo, quasi cego com a vista exaurida do intenso trabalho de esculpir, o grande artista baiano veio a falecer em 1871 com 106 anos de idade, ficando o seu nome perpetuado numa rua lá pelos lados da Ponte Preta.

Seu grandioso trabalho, e outros primores de entalhe que realizou, continuam levando para a nossa Catedral metropolitana admiradores do belo que, indistintamente, louvam aquelas maravilhas de arte, ignorando contudo o seu genial criador.

Por diversas vezes já tivemos oportunidade de presenciar grupos de visitantes e turistas percorrendo o majestoso templo campineiro, acompanhados por cicerones mal informados que vão contando histórias, apontando detalhes, púlpitos e outras peças magníficas de entalhe como obras do genial Aleijadinho!

Melancólico fim do grande Vitoriano dos Anjos

Julio Mariano

Evocando os anos de 1850 a 1860 e os acontecimentos então desenrolados na provinciana Campinas, chegamos à conclusão de que as preocupações de cada dia, da Câmara Municipal nessa década, se relacionavam acima de tudo ao problema de como racionar as mínguas verbas autorizadas pelo Governo de São Paulo, para o custeio de diferentes obras, algumas das quais inadiáveis. A escassez de água potável para o abastecimento da cidade, por exemplo, exigia desde logo a construção de mais chafarizes, surgindo daí a idéia de canalizar-se a água da fonte do Tanquinho, no chamado Bairro Alto, até ao Largo do Teatro. A propósito dessa obra, tamanha se afigurou a dificuldade de vencer, que houve por bem a Edilidade apelar ao "patriotismo" de uns quantos cidadãos de proa, para que lhe dessem mão de ajuda. E havia ainda a necessidade de cuidar-se do saneamento dos córregos e brejos, em pleno centro urbano; e da segurança das pontes sobre os mesmos córregos e pântanos, frequentemente remendadas quando não reconstruídas de todo, para a continuidade de uso.

A par, no entanto, de tais obras e de outras menores, avultavam as de prosseguimento da construção da Matriz Nova e as de reforma da Matriz Velha em ruínas, na qual deveria aliar-se novo altar-mór. Mas sendo o catolicismo religião oficial do Império e o povo loquaz e religioso, as obras nas duas igrejas eram as que aliciavam muitos braços artífices, tais como pedreiros e carpinteiros. Engenheiros, arquitetos e artistas cinzeladores para as peças de adorno chegavam a ser chamados do Rio.

A VINDA A CAMPINAS DE VITORIANO DOS SANTOS

Quem se lembrou de trazer a Campinas Vitoriano dos Anjos Junior foi o cidadão português Antônio Francisco Guimarães. Capitalista, aqui residente desde 1847, e que estivera antes na Bahia, o Guimarães se entregava ao negócio das empreitadas de obras. Consequendo encampar do Vigário Dr. João Manoel de Almeida Barbosa as obras de reforma da Matriz Velha, Antônio Francisco Guimarães viajou até a Bahia, e trouxe de lá, naturalmente contratado a seu serviço o grande artista baiano, mes-

tre no entalhe em madeira, Vitoriano dos Anjos. Isto foi pelo ano de 1853.

Acreditamos, pois, que antes de se dedicar à execução das famosas peças em madeira de entalhe da majestosa Catedral de Campinas, trabalhou Vitoriano dos Anjos no novo altar-mór da Matriz Velha. Cumpre assinalar que o todo das obras desta antiga igreja, administradas pelo Guimarães, importou em 10:669\$305 (dez contos, seiscentos e sessenta e nove mil e trezentos e cinco réis), quantia essa que a Municipalidade foi saldando em parcelas. Quando restava, porém, da dívida, 1:151\$535 (um conto, cento e cinquenta e cinco mil e quinhentos e trinta e cinco réis), houve demora em sua liquidação, por falta de verba. E Antônio Francisco Guimarães pretendeu se fazer pagar, dessa importância, mediante a venda da Matriz Velha em leilão público. A resposta negativa a essa pretensão foi dada pelos vereadores em sessão de 8 de abril de 1857.

Merece igualmente registro, o fato de Antônio Francisco Guimarães, por essa época haver tentado junto à Câmara Municipal obter a nomeação de administrador ou empreiteiro das obras da Matriz Nova, reativadas com a taxa municipal criada por Lei Provincial n.º 3, de 9 de março de 1854, encontrando-se à frente da administração das aludidas obras o Dr. Sampão Peixoto, com atuação satisfatória. Multo se empenhando em alcançar aquela nomeação, chegou o Guimarães a prometer construir por conta própria a Capela do Santíssimo, de cuja Irmandade era tesoureiro e diretor absoluto, desde que lhe fosse entregue a direção das obras em geral do templo.

A Câmara, agindo com diplomacia, se furtou a deliberar sobre o oferecimento de Antônio Francisco Guimarães, alegando que tal assunto era da exclusiva alçada da Diretoria das Obras da Matriz. Com isso, evitaram os vereadores ferir os melindres do Dr. Sampão Peixoto, que informado das andanças do capitalista português, oficiou à Câmara que renunciaria o cargo de administrador das obras da Matriz Nova, caso houvesse qualquer intrusão na sua construção.

Tornemos, agora, às atividades de Vitoriano dos Anjos em Campinas. Não temos notícia da data em que o habilidoso baiano iniciou a feitura dos altares e tribuna sacra da futura

Catedral. Certamente que foi contratado ao tempo da administração do Dr. Sampão Peixoto. Segundo consta, teria tido como companheiro naquele labor artístico de entalhe o fluminense Bernardino de Sena Reis.

Verdadeiras preciosidades em madeira de entalhe, as que Vitoriano dos Anjos legou a Campinas, ignoramos o quanto ele anealhou com o seu trabalho, que teria se alongado por anos. Em verdade, porém, não foi nenhuma fortuna, da qual lhe sobejasse o bastante para o conforto e amparo na velhice, com suas mãezelas. Um documento, que por acaso chegou às nossas mãos, em linhas simples nos conta uma história curta e dolorosa.

CONFISSAO DE PENÚRIA DO ARTISTA VELHO E ENFERMO

Trata-se de uma carta endereçada à Câmara Municipal de Campinas, por causa de uma intimação, e que passamos a transcrever em seu íntegro teor:

"Ilmos. Srs. da Câmara Municipal. Diz Vitoriano dos Anjos Jr., morador desta cidade, que possuindo uma morada de casa na Rua do Bom Jesus, na esquina, não pode de pronto calçar sua frente, porque além de não poder trabalhar, por sua idade e enfermidade, é bastante pobre, vivendo para não ser pesado à Sociedade de um pequeno negócio, que na mesma casa tem; e não querendo passar por infrator das Posturas, nem tão pouco por desobediência ao que é determinado por essa Câmara, vem muito respeitosamente pedir a Vv. Ss. que se dignem conceder-lhe o prazo de um ano, para dentro dele o Suplicante apresentar calçada a frente de sua casa, em ambos os lados. E. R. Mercê".

Nessa petição não se anotou despacho, da Câmara. Unicamente, no verso, com data de 9 de setembro de 1869, o Fiscal José Benedito de Camargo Pedroso houve por bem informar que concedera ao Suplicante o prazo "de um a dois meses", para a construção da calçada.

Três anos após, isto é em 1872, onze anos antes da festiva inauguração da Catedral, se extinguiu definitivamente o grande Vitoriano dos Anjos, não sabemos se naquela mesma casa da Rua do Bom Jesus. O esplêndido, porém, de sua arte, aí se perpetua no monumento da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas!...



a capela do S. S. Sacramento, obras avaliadas em 79:217\$900, não computado o preço da madeira e outras matérias primas empregadas.

Sampaio Peixoto mandou vir do Rio outros entalhadores, e, formando um perfil novo para o interior da igreja, fez com que em três anos ficassem concluídos dous altares dos cantos, os quatro laterais e as duas capelas — trabalhos de fino labor, buriladas em cedro vermelho, o que lhes dá realce sobre o fundo de mármore branco das paredes.

Os dous mestres dessa valiosa contribuição para a beleza arquitetônica da Matriz de N. S. da Conceição foram Vitoriano dos Anjos, já citado e Bernardino de Sena Reis e Almeida, fluminense.

Na turma de entalhadores que os acompanharam, ou que com eles aprenderam, infelizmente só podemos mencionar os portugueses José Duarte Lisboa, que mais tarde aqui constituiu família e teve negócio à rua do Rosário (Francisco Glicério) e os campineiros aprendizes José Antunes de Assunção e Antônio Dias Leite.

Para se avaliar do custo da obra, basta dizer-se que, segundo nos informou pessoa competente, o último dos nomeados chegou a perceber 8\$000 por dia de trabalho, ordenado fabuloso para aquele tempo.

O entalhe executado na Matriz, o que torna de rara suntuosidade a sua decoração interior, como diz o dr. Moreira Pinto, consta de:

Altar mor, ao fundo da abside, sendo a sua disposição a de um pilastrilho semi-circular coroado de rica cúpula de folhos rendados.

Há oito degraus entre a esbelta colunata, com capitéis de ordem composita, estando no primeiro o nicho, destinado à imagem da Padroeira, e no último, no alto, o sacrário para exposição do S. S. Sacramento.

Ainda na capela-mór existem quatro tribunas, de cada lado.

Seguem-se no cruzeiro (transepto) as molduras dos respectivos arcos. Aos cantos da nave principal elevam-se dous grandes e belos altares, de madeira e coroados por anjo de grande estatura, dos quais um empunha o gládio da justiça e outro emboca a trombeta do Juízo Final. Vê-se depois as duas capelas, recitrantes, e mais quatro altares, a dous de cada lado, no mesmo estilo do altar-mór, guardadas as proporções. Há ainda dous pulpitos que se defrontam, quatro pares de tribunas ao longo da nave, e, ao fundo, o côro, sub-côro e tapavento. Tudo em admirável sintonia com o entalhe, que causa admiração aos visitantes, não lhes causando menos impressão os anjos supra citados. E em tão grande cópia foram essas peças executadas, que as de sobresalente serviram ainda para a

VITORIANO DOS ANJOS

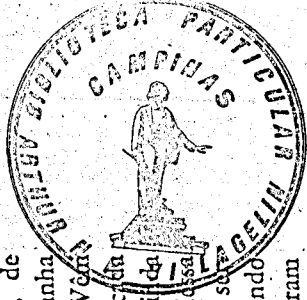
Quanto à Vitoriano dos Anjos podemos dizer que o mesmo já estava residindo em Campinas em 1855 atendendo, portanto, rapidamente ao desejo do capitalista Guimarães. Queremos ressaltar aqui, antes de mais nada, que na sua maior parte de entalhe na Matriz foi ela feita de cedro do Funil — depois Estrada Funilense, hoje Sorocabana e que se constituiu no município de Cosmópolis, antiga sernaria que pertenceu aos ascendentes dos Moraes Sales, associados com elemento de grande projeção na política nacional.

E, agora, demos a palavra a Benedito Otávio nesta biografia do artista.

"Em 1853, ou sejam quarenta e seis anos após o seu início, as obras da Matriz Nova estavam paralisadas ou quase. As taipas apenas se achavam piladas e cobertos o altar mor e as sacristias, — diz um documento que temos à vista. E os recursos da cidade novel não lhe permitiam maior esforço para a fatura da Igreja, nossa futura Catedral, só concluída seis lustros depois, como é sabido.

Pois bem. Notável pelos benefícios a uma terra que não era sua, caro à tradição local pelos serviços feitos, houve um homem que se dedicou à continuação do imponente testemunho da iniciativa e da piedade dos campineiros. Esse homem, foi Antônio Francisco Guimarães, o Bahia de alcunha. "Administrava a esse tempo a construção da Matriz o dr. Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto. Ora, o artista escolhido e chamado foi Vitoriano dos Anjos, natural da Bahia, homem já de idade avançada, que veio para Campinas e, estabelecendo um "atelier" no lugar onde é hoje o escritório do Curato, à rua 13 de Maio, deu começo aos esplêndidos trabalhos de entalhe que lhe deviam immortalizar o nome. Esses trabalhos, quando em 1862 tomou a direção do serviço o sr. Antônio Carlos de Sampaio Peixoto (O Sampaio), constavam já do altar mor, tribunas, dous pulpitos, varanda para o côro, tapa-vento e algumas colunas para

ANV 1 4789.6



decoração interna da capela provisória do Liceu de Artes e Offícios, de Nossa Senhora Auxiliadora desta cidade. Do seu valor e beleza, dizem pessoas competentes, cujas palavras transcrevemos:

Emílio Zaluar, que visitara Campinas em 1862:

"O cedro que campeava outróra gigante no santuário das florestas, transformado agora pelas mãos do génio em maravilha da arte, adorna o santuário do Deus vivo. "Tenho visto poucos trabalhos tão peregrinos executados em madeira. É um poema de flores, arrendados, colunatas, arabescos, grinaldas, flores enlaçados com profusão e simetria, beleza e unidade, traduzindo as idéias de uma alma de poeta sob as formas as mais puras, graciosas e sublimes que se podem reproduzir pelo cinzel do escultor. O cedro passou do templo da criação ao templo da arte, cantando um salmo não interrompido de louvor a Deus, primeira expressão da natureza e depois, como um hino da humanidade".

D. Julia Lopes dizia em 1883, por ocasião de ser inaugurada a Igreja:

"Nunca me extaseiei pela arquitetura da Matriz, que o meu acanhado espírito não define; mas tenho refletido seriamente em frente ao caprichoso lavor de seus altares, desses festões de flores trabalhados com mimoso desvelo e elevada arte. Vitoriano foi o primeiro entalhador, o grande fantasista, o hábil recortador daqueles rendilhados, tronos, um poeta na escultura, um lírico sonhador de imaginação fugaz".

Fazemos aqui uma pausa na narração de Benedito Otávio.

É que encontramos em papéis de Outubro de 1862 um requerimento feito por Antônio Carlos de Sampaio Peixoto e que nos dá idéias de que ruga ou polémica ou discussão teria surgido entre Antônio Francisco Guimarães e Vitoriano porque, como se sabe, o "dono" da Irmandade do Santíssimo Sacramento era evidentemente o Bahia e este requerimento diz o seguinte:

"requerimento de Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, administrador das obras da Nova Matriz requerendo à Câmara para ser admitido nas obras daquela Matriz o entalhador Vitoriano dos Anjos, como representou a Irmandade do Santíssimo Sacramento; no caso da Câmara entender dever admitir o dito Vitoriano requer sua excusa do cargo de administrador..."

Houve conciliação entre todos porque Vitoriano somente se afastou da Igreja em 1864, embora o administrador tivesse ido ao Rio de Janeiro

buscar o entalhador Bernardino de Sena Reis e Almeida, trazendo-o a Campinas, como sabemos adiante. Mas voltemos à Benedito Otávio: "O ilustre artista baiano despedira-se das obras em 1864, concluída a magnífica ornamentação dessa Igreja, que César Bierrenbach apelidou "A Cathedral de Campinas" — com uma clarividência de vate.

Mal remunerado, ou tendo perdido o fruto de seu labor (não se sabe), o certo é que a vida de Vitoriano foi desde então um suplicio. Muito velho e doente, viveu com um filho, Vitoriano dos Anjos Junior, chamado o "Vitú", estabelecido com armazém de gêneros da terra, à rua do Bom Jesus n. 31 e depois 43, à esquina da rua Deserta (agora, respectivamente, Campos Sales e Alvares Machado).

Quantas vezes, exclama o dr. Quirino dos Santos, vendo passar este ancião recurvado e trêmulo, não me vem à lembrança aquêle outro desgraçado, o Afonso Domingues, de que reza a Abóbada, de Alexandre Herculano, morrendo, esvaindo-se ao cumprir um voto solene, quando viu segura e finda a última criação do seu engenho".

Narra o snr. Miguel Alves Feitosa um episódio de sua vida de misérias:

"Em 1869, um indivíduo transitando por uma das ruas desta cidade, a horas não sabidas, parou de repente tomado de extranha curiosidade e espanto. Aproximou-se de alguma cousa e inclinou-se. Sobre o chão da rua estava estendido um corpo. — Era o corpo de um ser humano que vivia, mas corpo de velho, quebrado pelo peso de oitenta anos e prostrado pelo cansaço e pela fome. O indivíduo tomou aquêle corpo com ternura e religioso respeito.

Quem era o braço amigo e caridoso que o acaso conduzia ao da desgraça?

— Francisco de Paula Marques.

Quem era o infeliz octogenário que a miséria prostrara no pó das ruas?

— Vitoriano dos Anjos!

Dois nomes conhecidíssimos da Campinas antiga. Paula Marques, pintor e dourador de nomeada, por muitos anos exerceu nesta cidade a sua profissão, residindo depois, carregado de anos e desilusões, em São Paulo. Vitoriano dos Anjos, natural da Bahia, célebre, por ventura o primeiro entalhador brasileiro, que selou com o seu génio admirável os primores de entalhe que decoram o interior da Matriz. Depois que em 1864 se despedira das obras do referido templo, tendo concluído o im-





nente altar mor, etc. Vitoriano viu-se reduzido à miséria ao ponto de chegar àquele tristíssimo estado em que um dia o encontrara Francisco de Paula Marques. O compadecido artista tremeu diante da desdita daquele homem, na qual lhe parecia ver um sinistro presságio do seu próprio destino, e dos destinos dos seus confrades.

Teve então a idéia generosa da fundação de uma sociedade que fôsse amparo e auxílio aos artistas desválidos.

Essa idéia sublime, por todos acolhida, teve surto no dia 19 de setembro de 1869, no Teatro S. Carlos, com a fundação da Sociedade Artística Beneficente, importante instituição local, que quinze anos mais tarde, contava com cerca de oitocentos sócios e tinha quarenta contos de réis em caixa!

Hoje, infelizmente (1915), na crise que tudo perturbou, bem decaída está de seu esplendor antigo.

Vitoriano dos Anjos viveu ainda dous anos após o início desta associação e veio a falecer centenário, como se vê deste registro:

"Victoriano dos Anjos — Aos 30 de julho de 1871, no cemitério desta matriz, sepultou-se o cadaver de Victoriano dos Anjos, idade de 106 anos, viuvo, natural da Bahia. Foi recomendado. E para constar, mandou fazer este assento, em que me assino".

O assento, entretanto, não está assinado pelo vigário, que era então o padre José Joaquim de Sousa e Oliveira.

Há uma certa divergência quanto à idade do artista, porque se calculava que ele fôsse centenário e teria nascido, segundo Leopoldo Amaral, em 1776 e, nesse caso, falecido com 95 anos, quando Paula Marques calculava sua idade em 82.

O artista que talhou todo o altar mor — desde o risco até seu final — tem seu nome perpetuado numa rua da cidade, dada pelo edital de 30 de maio de 1923, antiga rua Casteli.

Seu filho continuou morando e estabelecido à rua dr. Campos Sales. Dêle encontramos vários requerimentos à Câmara pedindo prazo para calçamento de testadas de seu prédio. Talvez fôsse, apenas, residência, sendo certo no entanto "que tinha morada de casas na rua do Bom Jesus (Campos Sales), devido sua idade e pobreza não podia calçar a testada da casa, pede relevância à Municipalidade". Não deixara o filho do mestre insigne descendentes legítimos e morrêra, mais ou menos, em 1880.

(Cópia xerográfica das páginas 168 a 172 do Volume 4º da "História da Cidade de Campinas" de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito, pseudônimo de João Batista de Sá, Editora Saraiva, S. Paulo, 1957).